

A ARCHITECTURA

Revista mensal
de construção
e de architectura pratica

Editor, Director, e Proprietario — **Nunes Collares**
 Secretario da Redacção — **Mario Collares**
 Composto e impresso na Typ. "A NACIONAL" — 38, R. da Conceição da Gloria, (Avenida)
 Photographias de Coutinho—Gravuras de Pires Marinho & C.ª

PORTUGUEZA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DA BEMPOSTINHA, 126, 2.º — LISBOA

Jazigo dos Marquezes de Valle Flôr

No cemiterio occidental de Lisboa

Architecto: José Christiano de Paula Ferreira da Costa

Vae occupar-se hoje esta revista da reprodução de photographias do sumptuoso e artistico mausuleu dos srs. Marquezes de Valle Flôr, sem duvida uma das obras d'arte moderna mais importantes do nosso paiz.

O sr. Marquez de Valle Flôr, cavalheiro abastado e muito illustrado, bem conhecido na sociedade pelo seu bello caracter, não quiz só ter uma bella vivenda no Alto de Santo Amaro. Tambem a quiz ter para a morte no cemiterio occidental, seguindo assim o exemplo dos povos cultos não só modernas, como da antiguidade.

E' sabido que os antigos, desde as mais remotas eras, tiveram sempre o culto dos mortos, aos quaes prestavam todas as honras e cuidados.

Gregos, assyrios, egypcios e romanos, especialmente, empregavam nos seus tumulos tudo o que a arte e a industria do seu tempo tinha de melhor.

Occupar-nos-emos porém, mais especialmente dos romanos, visto que nos levaria demasiado longe o tratarmos do assumpto referente aos outros povos.

Nos primeiros seculos, os romanos enterravam os seus mortos. Só mais tarde adoptaram o uso dos Gregos, de cremar os cadaveres.

Tinham diversas especies de tumulos, *sepulchra*, *conditoria*. O *monumentum* era o edificio erigido em honra do morto, para conservar a sua memoria, sem nenhuma cerimonia religiosa, de fórma que uma mesma pessoa podia ter muitos monumentos ao mesmo tempo. O *sepulcrum* encerrava todos os restos mortaes do defunto; o *cenotaphium* ou *tumulus honorarius*, tinha por fim perpetuar a memoria de uma pessoa da qual se não tinha podido encontrar o corpo. O mausuleu, *mausuleum*, era um monumento de grande magnificencia; distinguiam-se ainda as piramides, os columnellos e os cippos.

Anteriormente, os romanos, imitando n'isso os etruscos, cavavam um fosso, depositando n'elle o corpo, elevando em seguida o tumulo. Mais tarde edificaram as ediculas como os gregos. O tumulos dos Scipiões eram cavados no flanco de uma pequena collina cujo exterior era decorado de columnas, de que ainda restam alguns vestigios.

O *columbarium* era um receptaculo d'urnas cinerarias. Compunha-se de uma camara nas paredes da qual se achavam

praticados nichos ou cellas. Cada nicho comportavam duas urnas e uma inscripção contendo os nomes das pessoas n'ellas encerradas.

Os *cippos* são a classe mais numerosa dos edificios que legaram os romanos. Compõem-se, geralmente, de pequenas



Detalhe da fachada principal

columnas redondas, ou quadradas, collocadas sobre uma sepultura. São revestidas de uma inscripção com os nomes e titulos dos defuntos e de ornamentos ou emblemas allusivos ao seu caracter e profissão, affectando, de resto, fórmas variadas.

Quanto aos tumulos de personagens importantes, as suas fórmas, eram de tal maneira diversas que não indicaremos aqui senão alguns.

Um dos tumulos mais curiosos é o chamado dos Horacios e Curiacios, ao longo da via Apienne, proximo de Albano. Compõe-se de um grande embasamento de uns 15 metros de



Fachada posterior

ado, sobre o qual se elevam cinco cônes sendo o cône do centro mais elevado do que os outros.

O monumento funebre mais importante construido pelos romanos é certamente o mausuleu de Adriano, *moles Adriana*, conhecido no emtanto hoje só pela designação de *Castello Sant' Angelo*, cuja descripção seria demasiado longa.

Os romanos tinham tambem o habito de fazer construir os seus tumulos durante a sua vida, o que era indicado pelas inscripções seguintes encontradas frequentemente: V. F., *vivus fecit* ou V. F. C., *vivus faciendum curavit*; ou ainda, V. S. P., *vivus sibi posuit*.

Distinguiam-se os tumulos particulares, *sepulchra privata* ou *singularia*, os tumulos de familia, *sepulchra familiaria*, os tumulos hereditarios, *sepulchra hereditaria*. Algumas vezes uma inscripção prohibe de inhumar algum herdeiro no tumulo de familia; n'esse caso lê-se H. M. N. S., *hoc monumentum heredes non sequitur*; ou H. M. AD. H. N. T., *hoc monumentum ad heredes non transit*.

O epitaphio collocado sobre o tumulo começava ordinariamente pelas letras D. M. S., *diis manibus sacrum*, ou mais simplesmente: D. M., *diis manibus*. Achou-se tambem a fórmula *æternæ memoriæ* seguida do nome da pessoa e das principaes acções da sua vida; ou ainda *hic situs est* ou *hic jacet*. Enfim, algumas vezes tambem, a inscripção começava pelos no-

mes do morto ao nominativo ou dativo; estes nomes são seguidos dos seus titulos civis ou militares, da sua idade, dos nomes e qualidades das pessoas que lhe erigiram o monumento o do nome da sua terra natal.

O uso de collocar nos tumulos objectos ou representação dos objectos que serviram ás necessidades ou prazeres da vida, era commum ao Egypto, á Persia e á Grecia; este uso passou tambem para os latinos. E' por isso que os tumulos dos gregos e romanos nos mostram a imagem de todos os usos e de todas as condições da vida. Os homens repousam com as suas armas, as mulheres com os seus bijous, as creanças com os seus brinquedos, e todos os estados com os instrumentos que lhes são proprios.

Tambem nos primitivos tempos os povos imitavam na pedra dos seus tumulos outros materiaes. Os primeiros exemplos de imitação encontram-se nos tumulos talhados em rocha proximo das Piramides, onde se vêem as paredes com resalto, fôrmas derivadas das casas de adobes nas quaes a pouquissima resistencia ao esmagamento do tijolo cru exigia maior grossura na parte inferior das paredes. As padieiras das portas n'estes tumulos são de secção circular e copiadas dos troncos de palmeiras que se usam nos edificios de adobes para suste a fabrica superior. Os tecto's d'estes tumulos são igualmente copiados das filas de troncos de palmeira que no typo primitivo sustinham a cobertura de terra e lodo. De todas estas imitações pôde dar-se claramente noticia porque até hoje as vivendas dos *fellahs* são construidas de uma fôrma semelhante com adobes e com troncos de palmeiras nas portas e barrotes nas coberturas.



Interior — Sarcophago

No tumulo de Beni-Hassen, 2020 annos antes de Christo, estão talhados certos adornos na rocha que se eleya por cima da architrave em imitação dos barrotes que sustinham os al-



Fachada lateral

pendres salientes das vivendas primitivas. Depois na architectura grega, estes barrotes, collocados mais juntos suggeriram o denticulo e os extremos das grossas vigas debaixo, os triglifos.

Nos tumulos lycios que se acham no Museu Britannico encontram-se talhadas em pedra clara, imitações de fórmãs de madeiras, combinadas com um tecto curvo que recorda o emprego de um material flexivel tal como o bambú.

As abobadas stalactiticas tambem foram empregadas nos tumulos da antiguidade. Existe ainda, proximo de Bagdad um tumulo cujos arcos das abobadas foram construidos arrancando, não dos tympramos mas sim da chaves dos inferiores; e é este o methodo segundo o qual se seguiu depois construindo.

Mas, é tão interessante, embora tão complexo este estudo, que nos ia arrastando, mau grado a nossa intenção e por isso vamos pôr ponto na dissertação.

Os italianos, o povo latino que mais veneração observa pelos seus mortos, dá-nos na sua architectura funeraria moderna, magnificos exemplares, e não é das menos interessantes a visita que se faz aos seus cemiterios onde se admiram verdadeiras maravilhas artisticas, sendo entre elles, universalmente apontado o Cemiterio Monumental de Milão, como aquelle em que mais e melhores obras de arte se encontram.

No nosso paiz, em geral, nota-se grande falta de gosto artistico nos tumulos dos nossos principaes cemiterios. Ultimamente é que se tem erigido alguns jazigos com verdadeira arte, entre os quaes citaremos os dois erigidos á entrada do cemiterio do Alto de S. João, que são os do Visconde de Valmôr e o da Misericordia de Lisboa, respectivamente delineados pelos distinctos architectos Alvaro Machado e Adães Bermudes.

O jazigo que hoje publicamos vem augmentar o numero das obras de arte funerarias dos cemiterios da capital.

E', sem contestação, um bello trabalho artistico, devido ao distincto architecto Ferreira da Costa, que n'outras construcções já se tem evidenciado um artista de pujante talento.

O jazigo dos srs. Marquezes de Valle Flôr é de um românico estylisado e occupa um espaço de 100 metros quadrados.

Acima do sólo tem apenas 8 compartimentos, sendo 4 de cada lado. No carneiro, porém, ha logar para 56 corpos.

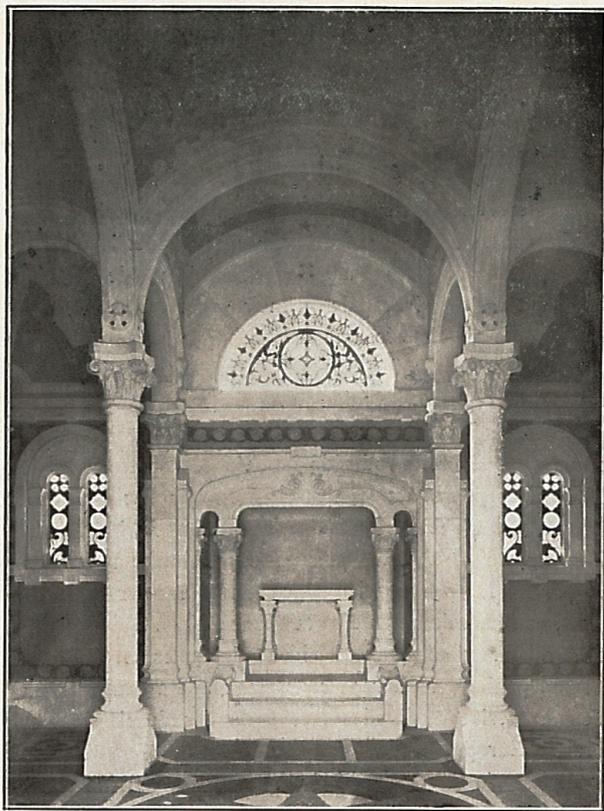
A entrada para o carneiro é exterior e na fachada posterior, como se vê na gravura respectiva, tendo essa entrada uma porta de ferro forjada.

Todo o monumento é construido com lioz. O pavimento de marmore em mozaico.

A porta da entrada principal é de carvalho com applicções em ferro polido.

As urnas das fachada principal são de bronze.

Os vitraes são de Claudio Martins, sendo o desenho dos mesmos, do architecto, auctor do projecto.



Interior — Capella-mór

Os tectos foram decorados por Conceição e Silva.

A modelação de toda a decoração é de Emilio de Paula Campos.

Todo o trabalho de cantaria e esculptura é de José Antonio de Almeida.

O projecto foi entregue á «Constructora» de Campos & Fonseca, de que é representante em Lisboa o engenheiro sr. Alvaro Rego. Esta conceituada empreza constructora desempenhou-se do encargo com a competencia já reconhecida em outras obras de importancia.

O custo total d'este imponente monumento funerario orçou por 42:000.000 réis.

E', em conclusão, mais um trabalho que honra o illustre architecto que o delineou e que, não só por este, como por outros que o seu privilegiado talento tem produzido, é considerado como dos primeiros artistas do paiz, havendo ainda muito a esperar do seu amor ao trabalho e inexcedivel bom gosto pela arte que escolheu para sua carreira.

N. C.

A Architectura Gothica

(Continuação)

Aos conventos beneditinos e sobretudo á abbadia de Cluny, fundada na Borgonha por Guilherme, o Pio, duque de Aquitania (909), deve mediatamente a architectura gothica o seu crescimento e a sua expansão floral. Foi n'esses retiros de estudo que se guardaram os destroços da technica helleno-etrusca e se codificaram as experiencias dos frades constructores. D'ali tambem irradiaram as corporações leigas dos franco-maçons, propagando com o programa dos edificios ogivaes, as idéas democraticas de emancipação e accelerando o movimento da independencia das communas.

A sciencia reivindicou generosamente a memoria dos beneditinos entre os quaes se destaca o sabio Abelardo, o austero S. Bernardo e o abbadie Suger, architecto de S. Diniz, em cujo côro a ogiva, pela primeira vez, coroou todos os vãos, cavalgando victoriosamente o arco pleno.

De outro lado, um elemento funesto incompativel com a ordem e o progresso, inoculou-se na civilização europea.

Esse principio dissolvente, essa força perturbadora, esse germen destruidor, introduzido no seio das agremiações formadas pelos povos occidentaes em torno da bacia do Mediterraneo, é o arabe. Horda selvagem e nomada, impellida do Oriente, os mussulmanos atravessaram Gibraltar e vieram acampar na Hespanha wisigothica onde levantaram as suas tendas, os seus minaretes e as suas mesquitas.

A mistura do sangue e das idéas d'aquelles novos Hyksos, no ramo peninsular da raça caucasica, fôra a causa das desordens materiaes e intellectuaes e da decadencia do estylo ogival na Europa.

A invasão serracena foi um flagello que assolou o Occidente.

O arabe é por toda a parte sempre o mesmo; declamador fantastico, palavroso, vasio e arido como o deserto, rebelde á agricultura e á industria, traficante, avido, deprecador, voluptuoso, estúpido, feroz, fanatico, bestial, immundo, indolente, egoista, intrigante, improbo, ao mesmo tempo impudente e mendigo, arrogante e sordido, mercadejando sobre o amor, a amizade, a honra, o brio e a dignidade, capaz de todas as baixezas e até de vender a alma ao diabo; tal é este typo revoltante cuja honestidade apparente se derrete como a cera diante do dinheiro.

Emfim, o mahometano é o representante da molleza e da immobilidade do character oriental, as quaes contrastam, de um modo flagrante com a energia e aptidão para o trabalho e progresso da raça germanica que invadiu e saqueou Roma. Eis ahí a causa dos vicios que corromperam a architectura gothica na sua derradeira phase.

Felizmente quando Mahomet II arvorou o crescente seraceno sobre a cupula de Santa Sophia, em Bysancio, já os arabes tinham sido expulsos da peninsula hispano-luzitana.

Cessava a Edade Media tonsurada e guerreira, beata e sensual.

(Continua)

Coberturas para edificios

E' um problema sempre interessante o da cobertura dos edificios e o de achar para elles um material ligeiro, ao mesmo tempo que solido e agradavel á vista.

Tem-se inventado muitos productos, seja para applicar a telhados inclinados, seja para terraços, mas o que é certo, é que, em geral, o que se tem encontrado de alguma utilidade, é material pesado e caro.

Segundo nos affirmam, porém, existe um material, ainda pouco conhecido no nosso paiz, mas, já n'alguns edificios applicado com vantagens reconhecidas.

Chama-se o producto : *Rex Flintkote*, que não é uma cobertura de alcatrão, nem de asphalto, nem de chapa ondulada, telha ou louza. E' uma cobertura especial, que, segundo o seu auctor, reúne todas as vantagens das acima mencionadas, sem, contudo, ter os seus inconvenientes.

A parte interior do *Rex Flintkote* é formada de diversas camadas de feltro de lã as quaes são todas impregnadas por igual e submettidas a uma serie de processos compostos de substancias cuidadosamente preparadas, sem cheiro e não misturadas com alcatrão. Esta alma ou parte interior do *Rex Flintkote* é fechada hermeticamente e á prova d'agua entre duas capas rijas d'uma especie de gomma, as quaes garantem uma duração quasi illimitada.

Na pratica deu o *Rex Flintkote* desde ha annos a prova de resistir contra todas as influencias das intemperies. Uma fina e duradoura camada de *Flint* n'um dos lados da cobertura e a qual deu o seu nome ao *Rex Flintkote*, augmenta ainda a sua resistencia contra o fogo.

Um telhado coberto d'este producto protege contra o mais intenso calor solar e contra o mais rigoroso frio. Emprega-se em qualquer clima e conserva os edificios frescos no verão e quentes no inverno por causa das suas qualidades isoladoras, sendo um mau conductor de calor.

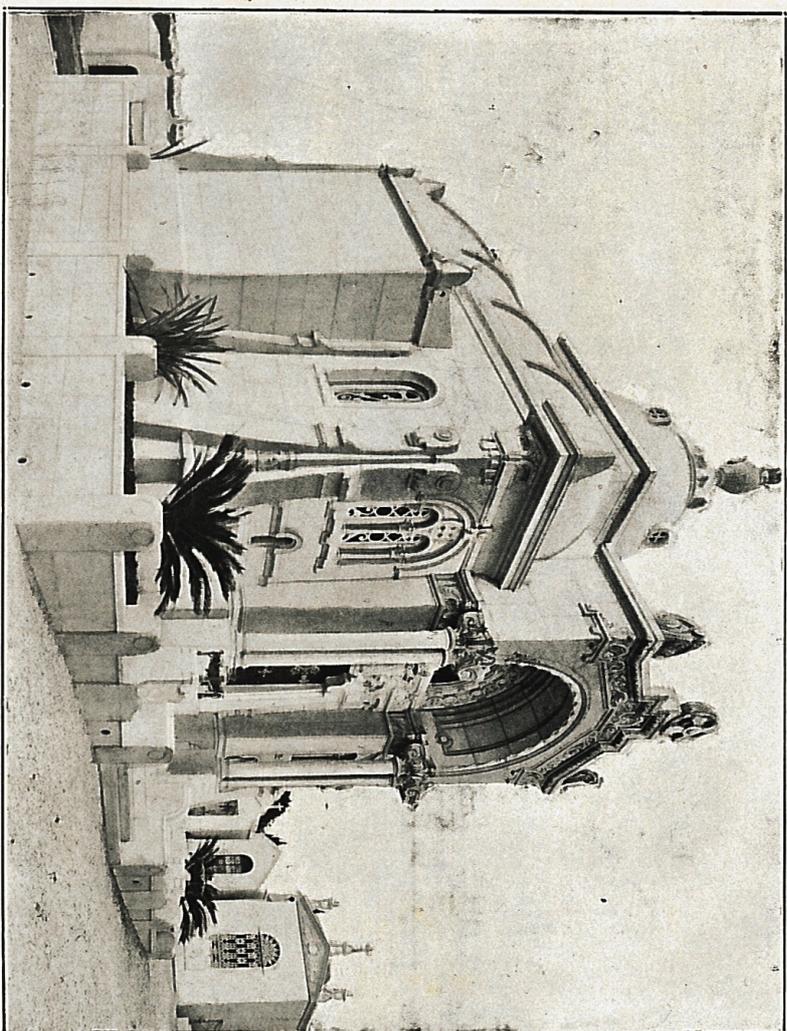
Serve para os telhados de grande declive e aguas furtadas, como tambem para as paredes verticaes.

O seu preço é excessivamente modico.

De resto, não cabe no espaço de que aqui podemos dispôr, uma noticia mais circunstanciada, mas, que sabemos, o *Rex Flintkote* acha-se empregado nos telhados do edificio da fabrica de roupa branca, na Quinta dos Peixinhos, á Graça, pertencente á conhecida firma comercial da rua do Ouro, srs. Barros & Santos, nos pavilhões do Jardim Zoologico, etc.

Os importadores, srs. Zickermann & Müller, que annunciam na capa d'esta revista, remettem, a quem lh'os pedir, prospectos com todos os esclarecimentos e preços.

Jazigo dos Marquizes de Valle Flor
NO CEMENTERIO OCCIDENTAL DE LISBOA



PERSPECTIVA

ARQUITECTO: JOSÉ CHRISTIANO DE PAULA FERREIRA DA COSTA

Jazigo dos Marquezes de Valle Flôr

NO CEMITERIO OCCIDENTAL DE LISBOA



FACHADA PRINCIPAL